Globethics Repository



Alegrias e Agonias da Igreja Brasileira

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Ludovico da Silva, Isabelle;Schulz, Carolina
Publisher	FTL-B
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 23:44:59
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/191590

1 ALEGORIAS E AGONIAS DA IGREJA BRASILEIRA

Isabelle Ludovico da Silva e Carolina Schulz

Este trabalho pretende apenas iniciar uma reflexão a partir de um diálogo entre Carolina e eu. Tentaremos transmitir primeiro uma visão panorâmica da igreja para depois focalizar um aspecto específico que faça a ponte com o tema da última Consulta "Masculino/Feminino: em busca de saúde e obediência". E voltaremos em seguida a características mais genéricas sobre o assunto.

Antes de começar, alguns comentários são necessários. É impossível falar da igreja, já que não existe uma igreja mas várias e muitas vezes o que faz a alegria de uma é motivo de agonia para outra. Nós duas estamos vinculadas a igrejas tradicionais e, apesar de termos entrevistado mulheres de várias denominações, não pretendemos ser porta-vozes da igreja, já que nosso ponto de vista é inevitavelmente parcial.

Como psicóloga, prefiro falar de luzes e sombras, pois isto nos lembra que estas características são apenas o reflexo de nossas luzes e sombras pessoais. Assim, ao avaliar a igreja, precisamos partir de duas atitudes básicas: uma de identificação com as luzes e sombras apontadas, já que a igreja somos nós e um espírito de gratidão porque, apesar de sua sombra, a igreja continua corpo de Cristo e projeto de Deus para nossa edificação e missão.

Ainda quero dar um crédito especial ao meu marido, Osmar Ludovico da Silva, incentivador, inspirador e interlocutor que muitas vezes complementa minha visão crítica com a ótica da Graça e da Esperança.

CAROLINA:

Dentro da igreja brasileira, temos os brasis no Brasil, as igrejas na igreja, que são muitas em uma da qual somos nós. Igreja que está a caminho sim, mas que sempre e de novo, ao longo de toda a sua história experimenta descaminhos, é que nós queremos analisar alguns aspectos, assumindo-os como nossos pecados ou nossa força.

A igreja brasileira é uma igreja que facilmente idealiza a si mesma e se assume como Corpo de Cristo, mas facilmente se esquece de que é também corpo doente, com forte tendência à cegueira e à busca de atalhos fáceis e fatais. Mas mesmo assim, é corpo que experimenta a graça da companhia de Jesus na caminhada. A companhia do Cristo que ouve e compreende; que consola e corrige; que cura, capacita e envia.

A igreja brasileira é um corpo que facilmente peca por pensar de si mesmo mais do que convém. Muito facilmente esta igreja, em seus pedaços ou no todo, se entende como pronta, correta e proprietária da verdade, da companhia ou da inspiração divina (este grupo sim..., agora sim...). Deixa, desta maneira, de perceber que a correção própria, se exclusiva, é duvidosa e até mesmo perigosa; de que a correção do corpo não é segura nem suficiente (seja o corpo composto de duas pessoas, como no exemplo dos discípulos a caminho de Emaús, seja de dez, vinte ou vinte mil, não passa de corpo doente, limitado e cego); de que a correção do próprio Deus aos seus servos e ao seu corpo é indispensável e precisa ser permanente, enquanto durar a caminhada. Mesmo assim, é corpo que experimenta a graça do Deus que não abandona e não desiste. Do Deus que inquieta, que levanta profetas e que age na história de seus filhos corrigindo seus rumos para que Sua igreja possa ser Seu agente na história da Sua criação.

A igreja brasileira é corpo que facilmente cede à tendência e tentação de nutrir a si mesmo, fugindo da verdadeira missão. Seja através de um tradicionalismo que se fecha intra muros ou de uma prática de ofertas e apelos que encontram eco mas barateiam e mutilam o evangelho, a tendência da auto-alimentação da igreja se manifesta através de duas posturas, opostas em sua manifestação, mas com as mesmas características sectárias e/ou imobilizantes e o mesmo desvio da obediência em sua essência: Se de um lado há pressa em parar a caminhada e descansar (agora sim temos a doutrina certa..., agora sim enfatizamos o mais importante, o resto é secundário), de outro há a busca desenfreada e irracional pelo novo e sensacional, tal qual os atenienses da época dos primeiros apóstolos, que conforme o relato bíblico, não cuidavam outra coisa senão saber quais eram as últimas novidades. Mas apesar disto, a igreja experimenta em seu meio a graça da ação do Espírito que levanta, discerne, purifica, fermenta, impele e vai à frente na missão.

A igreja brasileira é corpo que facilmente foge da disciplina e celebra a heresia; que deixa de lado o ensino e prefere o descanso; que foge do discipulado e cede ao que satisfaz os sentidos, a vontade, a emoção ou a razão; que esquece a dimensão da peregrinação e prefere a segurança de instituições, mesmo à custa de sua voz e ação proféticas; que minimiza o significado e a importância de uma caminhada de santificação e busca a felicidade no seu sentido mais imediato; que despreza o exercício da autocrítica, que encobre suas doenças e que prefere a glória sem cruz. Mesmo assim, como filhos amados e como corpo de Cristo, a igreja experimenta a graça do Deus que dignifica o que não é digno; que capacita o que não é capaz; que dá vida ao que está morto; que faz crescer, apesar da doença.

A igreja brasileira engana a si mesma quando não busca e não vive, na reflexão e na prática, a correta perspectiva de Deus, de si mesma e da sua missão. E não tem permissão, apesar do aparente sucesso, para a cega euforia. Antes o chamado e a hora são para a humildade, para o arrependimento e para a gratidão. E para o trabalho duro, em si mesma e a partir de si.

Dentro do capítulo das doenças da igreja e fazendo ligação com a consulta anterior da FTL, nós queremos abordar brevemente a questão da mulher. Este é um assunto que por ser polêmico através dos séculos é cansativo e desgastado, mesmo para a FTL, que na igreja brasileira foi pioneira ao realizar sua consulta anual, em 1991, sob o tema a "Relação masculino-feminino - Em busca de saúde e obediência." Mas é também um assunto que constitui-se em doença constante e constantemente colocada de lado, mesmo sendo um problema que afeta no mínimo 50% do contingente da igreja.

Há uma tese interessantíssima de Eleni Klassen, nas áreas de psicologia e teologia que é reveladora já desde o seu título: "Distúrbios psico-somáticos das mulheres evangélicas de origem alemã". Não é para menos! Tem de ficar doente! Mulher + evangélica + de origem alemã é demais. Juntos, a carga histórica do ser mulher, o legalismo evangélico e o perfeccionismo alemão... Misericórdia!

Em qualquer exército, um problema que afeta 50% do seu contingente, é um problema do exército todo, mas nesta questão a sociedade, hoje pelo menos na teoria mais consciente e a igreja, ainda agora muito mais atrasada, seja na teoria ou na prática, parecem pensar diferente. Além disto, o problema não é só das mulheres, uma vez que, por ser antes de tudo uma questão de relação, a outra metade, ou seja, o contingente todo, está inevitavelmente contaminado pela doença.

Mais grave ainda é o fato de que a igreja não apenas abriga e encara com descaso a doença em seu meio, mas a promove e alimenta. E o faz quando vive fé e relacionamentos com base em interpretações bíblicas que, partindo de histórias, vontades e lutas por poder, sejam estas pessoais ou grupais, 1) não levam em conta a Bíblia como um todo. 2) não fazem jus ao exemplo de Jesus, o verbo encarnado.

Esta doença coletiva na área das relações entre os sexos, tem levado a mulher, através da história da humanidade, a uma encruzilhada com dois caminhos que, contrários entre si, representam igualmente opções doentes e condenadas à morte. De um lado há a opção pelo assumir a tutela, as interpretações e o poder masculino estabelecidos, dentro e/ou fora da igreja. Do outro a opção pela rebelião e pela tomada do poder, numa luta que, com um alto preço a pagar, tem resultado idêntico ao sistema anterior no que se refere ao estado doentio de relacionamentos.

Mas há uma terceira opção: o modelo revolucionário deixado por Jesus. Entre os tantos discípulos que deixaram seu ninho para seguir o mestre havia muitas mulheres, entre as quais Maria Madalena, Joana, Suzana e muitas outras que exatamente como os homens, e muitas vezes com maior fidelidade, largaram tudo e seguiram ao Mestre. Dele aprenderam e a Ele serviram, acompanhando-o até no pior momento, o da sua morte na cruz. E foi a uma mulher, Maria Madalena, que Jesus deu o privilégio de ser a primeira testemunha da sua ressurreição.

Antes disto, durante o seu ministério, Jesus tinha recebido a Maria Madalena como pessoa. Ele trabalhara no fundamento da sua personalidade, na sua obediência, e lhe dera uma nova identidade, como discípula. E Jesus está interessado na obediência e não em papéis. Quando em Lucas 11.27 uma mulher exclama, dirigindo-se a Jesus: "Bem-aventurada aque-

la que te concebeu e os seios que te amamentaram" fazendo menção ao papel de Maria como mãe de Jesus, este responde no v. 27: "Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam", apontando para a prioridade do discipulado. Em Mt 12.42-50, quando a mãe e os irmãos de Jesus procuravam falar-lhe este responde que "qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, este é meu irmão, irmã ou mãe".

Concordo com Paul Freston quando diz que no incidente com Marta e Maria, o ensino que Jesus quis transmitir não tem nada a ver com ativismo ou não ativismo. Jesus quer antes chamar a atenção para o discipulado. Maria escolheu a melhor parte não porque ficou parada aos pés do mestre mas porque entendeu a importância do discipulado enquanto Marta firmava sua identidade no papel que desempenhava.

Jesus convida a **todo o homem** e a **toda a mulher** a encontrar a sua identidade no relacionamento com Deus e não em papéis. A VERDADEIRA IDENTIDADE SE ESTABELECE ATRAVÉS DO ENCONTRO COM O CRISTO RESSURRETO E NO CAMINHO DO DISCIPULADO daí decorrente.

Minha experiência de encontro com Jesus aconteceu numa comunidade em que colocava grande ênfase e importância na submissão da mulher como sinal de obediência e de saúde espiritual, tanto da própria mulher como do seu lar e da comunidade. No início submissão significava simples e literalmente **calar a boca**, não apenas em relação ao marido mas também ao pastor, estendendo-se sutilmente aos outros homens da comunidade. Depois as coisas "arejaram" um pouco e a palavra submissão passou a significar "estar sob a missão do marido". Ou seja, não ter missão, visão ou aspirações próprias, mas assumir como cooperadora (ou até burro de carga) a missão do marido. Em qualquer das fases meu mal estar e conflitos foram enormes e o ponto central destes era a parábola dos talentos (Mt 25.14-30). Eu queria obedecer a Jesus acima de tudo e não a homens. O que eu lia na parábola é que eu iria prestar contas **sozinha** dos talentos e dons que o Senhor tinha me dado para **desenvolver** para o seu serviço. Dentro desta prática comunitária doente, o que eu fazia com meus talentos e dons? E o discipulado o que significa assim para as mulheres?

A realidade de muitas comunidades é que as mulheres são levadas até o encontro pessoal com o Cristo, mas a caminhada de discipulado em obediência e rumo à plenitude, lado a lado com os irmãos homens lhes é negada.

Aos olhos de Jesus todos se nivelam como servos. Jesus nunca fez e nunca ensinou a diferença entre raças, classes ou sexos (muito pelo contrário), apesar dos seres humanos e até dos seus discípulos de todas as épocas praticarem o contrário. Um exemplo: Na caminhada dos discípulos a Emaús(Lc 24.13-35), o que eles dizem? v. 22 a 24: "É verdade que algumas das mulheres das que conosco estavam (eles eram o grupo de discípulos de Jesus; elas apenas estavam com eles), nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem visto uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos **NOSSOS** foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas a ele não no viram".

Quando Jesus fala junto ao poço com a mulher samaritana, que era 1) mulher; 2) de classe baixa; 3) relacionada com uma seita tida pelos judeus como herética, ele rompe as barreiras de sexo, classe e religião. Ele lhe oferece a Água Viva e sem palavras lhe entrega uma missão. Pressentindo nele o Cristo, a mulher corre à cidade e chama os conhecidos. Diz o relato bíblico que muitos creram em virtude do testemunho da mulher e o resultado destes acontecimentos podem ser conferidos em Atos 8.4-25, em que as multidões em Samaria atendiam unânimes à pregação de Filipe.

Jesus com sua vida e com suas palavras, cortou todos os laços com a hierarquia de pessoas sobre pessoas. Em Mateus 23.6-12, referindo-se aos escribas e fariseus, Jesus diz: "Amam o primeiro lugar nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é vosso Pai, aquele que está no céu. Nem sereis chamados guias, pois um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será o vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado".

ISABELLE:

Este divórcio esquizofrênico apontado pela Carolina entre discurso e prática mostra que homens e mulheres permanecem presos ao modelo hierárquico que nega o mandato cultural dado por Deus para ambos em parceria. Esta realidade é um sintoma da nossa dificuldade de lidar com a diferença e mostra que continuamos submissos à maldição da queda em vez de nos apropriar da libertação que Cristo conquistou por nós na Cruz. Cabe aqui a pergunta: Qual é o nosso referencial? A queda ou a salvação e restauração do projeto original em Cristo?

A Palavra frisa bem que Deus criou o Homem, macho e fêmea, à sua imagem. Assim o homem e a mulher são iguais ontologicamente, isto é na sua essência, mas diferentes e complementares na sua sexualidade. Um dado interessante que alguns podem considerar simples coincidência, mas que vale a pena ser mencionado é que "ish" e "isha" em hebraico são duas palavras formadas por três letras cada uma. Duas são comuns e as terceiras formam as duas primeiras letras do nome de Deus: o yod- traço vertical terminado por um ponto para o homem- e hé- cavidade aberta para baixo para a mulher.

Adão se reconhece varão tão logo reconhece a mulher. Nossa identidade vem do reconhecimento do outro como diferenciado de nós. Assim o bebê se reconhece por gente tão logo se percebe separado da mãe. A mulher não é apenas parte do homem, seu osso, sua outra metade, mas um ser completo edificado por Deus fora dele para ser sua auxiliadora. É importante lembrar que esta palavra não tem nenhum caráter hierárquico e não significa subalterna, mas cooperadora, já que ela caracteriza o próprio Deus em outros trechos da Bíblia.

Assim, reconhecendo a mulher como semelhante e diferente, o homem pode reconhecer a si mesmo. "Estavam nus e não se envergonhavam". De que poderiam se envergonhar, a não ser de sua diferença? O mundo vê o pecado original como sexual, simbolizado pela maçã mordida. Sabemos, no entanto, que se trata de luta pelo poder com Deus que desencadeia uma luta pelo poder entre o homem e a mulher. Esta os impulsiona a tentar dominar um ao outro em vez de juntos dominarem a terra. Mas existe algo sexual também, pois "conhecer" na Palavra signi-

fica ter relações sexuais e "comer" na nossa gíria significa também possuir sexualmente. Em todo caso, trata-se de uma tentativa de suprimir a diferença sexual que se manifesta também na forma de apreender o mundo e se relacionar com ele. Aquilo que eu como se torna eu-mesmo e deixa de existir. Para conhecer aquilo que é diferente de mim é preciso que eu não o coma.

A "árvore do bem e do mal" na tradução literal significa "a árvore do conhecer bem e mau". Um conhecimento a serviço de um desejo de onipotência se torna uma arma para controlar o outro e usá-lo em benefício próprio. A proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento é um limite, um incognoscível que permite ao outro existir. A árvore se torna árvore da relação e da palavra. A palavra é que permite conhecer o que está além de mim. A proibição preserva o lugar do outro, da alteridade. O homem não pode saber o que é ser mulher nem a mulher o que é ser homem. Somente a mulher pode dar a conhecer ao homem quem ela é e vice-versa.

A serpente traz a tentação narcisista de apagar a diferença tornando ambos "como Deus". Ela transforma um limite estruturante em negação da vida que desqualifica a bondade de Deus e o transforma num deus perverso. Mas Deus triuno é um ser de relação que oferece ao homem e à mulher a possibilidade de desfrutar desta comunhão com ele e um com o outro. Somos chamados a participar deste mistério de unidade que respeita a diferença. Quanto mais unidos mais podemos ser nós mesmos. Deus não procura controlar nem possuir. Ele é Emanuel "Deus conosco".

Eva come e depois dá ao homem: não é uma refeição compartilhada. Ela contrasta com a última Ceia onde o homem come porque Deus dá. O ato é resgatado. O que foi usurpado é doado. Em Cristo, homem e mulher são chamados à submissão mútua. O modelo hierárquico é substituído por um modelo de corpo e interdependência. Isto nos leva a abrir mão de que o outro seja à nossa imagem para poder ser enriquecido com sua contribuição específica e enriquecê-lo com a nossa. O pão é abençoado e rompido, o sangue vertido: símbolos da aliança que resgata sem prender.

No entanto, os olhos do homem e da mulher, abertos a partir de um conhecimento mau, lançam sobre o outro um olhar de concupiscência que os leva a "comer com os olhos". Adão e Eva comeram o limite que lhes teria permitido falar da diferença que passam a esconder com folhas. Assim a queda deturpa a relação entre o homem e a mulher e a relação do homem com a natureza. A relação se torna ameaçadora pois a diferença complementar, vista a partir de um conhecer mau, se torna falta, gerando frustração e desejo de possuir que desperta o medo de ser engolido ou usado pelo outro e vários mecanismos de defesa, entre eles a projeção: "A mulher que tu me deste..."

Carolina vai apontar a seguir alguns exemplos práticos desta distorção.

CAROLINA:

Vou apenas relatar a vida de três mulheres em que vem à tona aspectos das suas relações consigo mesmas, com a igreja e a família. Os nomes são fictícios e os fatos reais. As conclusões ficam por conta de cada um.

Rute tem 45 anos e mora no interior. Participa desde criança da igreja histórica, a igreja de seus pais. desde criança, tanto na igreja quanto na família, as diferenças entre homens e mulheres ficaram muito claras. O que os meninos rapazes e homens podiam e as meninas, moças e mulheres não podiam era assunto no qual não se admitia discussão. Sempre foi assim e assim é que está certo. E ao lado da lista do que as mulheres não podiam também havia a daquelas que elas deviam (porque não gostavam, é claro). Rute casou e teve dois filhos, hoje jovens, criando-os da mesma forma. Ela não se sentia bem, mas "já que é assim que deve ser...". Um dia, num ônibus, Rute encontrou Amélia, que vestia uma camiseta com os dizeres: "Mulher, te organiza e vai à luta por direito e igualdade". As duas conversaram durante a viagem e Rute começou a participar do grupo junto com Amélia. Lá há uma pastora que conta histórias bíblicas e Rute ficou maravilhada de ouvir a história de mulheres como Débora, Rute, Ana, Isabel, Maria, Marta e Lídia. Eram mulheres que conheciam e viviam uma história de relacionamento entre o povo e Deus que ela nunca tivera notícias antes. Rute queria ser como elas. Passou a valorizar a fé e a atuação na sociedade. O grupo é seu grupo de apoio. Lá ela se sente bem, sabe que tem valor como filha de Deus e um trabalho a fazer. Lá

ela sente que recuperou seu valor próprio e sua esperança. E a família? vai de mal a pior. O marido não gosta de mulher fora de casa, ainda mais neste grupo que enche a cabeça delas de besteiras. E o filho apoia o pai. A filha concorda com a mãe e até começou a acompanhá-la no grupo. Rute não sabe no que vai dar isso, mas não consegue nem pensar em voltar à vida de antes.

Marisa tem 35 anos e mora na metrópole de São Paulo. Ex-católica, não praticante, Marisa encontrou a Jesus e fez seu compromisso juntamente com o marido, numa comunidade renovada de uma igreja evangélica histórica. Com muita sede da palavra e de ação, Marisa começou a manifestar o dom de ensino, ao lado de uma grande capacidade de liderança e articulação. Enquanto a marido manifestava um dom pastoral menos agressivo, Marisa, muito dinâmica, evangelizava vizinhos, adultos e crianças, formava os grupos e instruía novas lideranças. De acordo com o ensino da comunidade acerca da família, Marisa e o marido ensinavam e tentavam seguir à risca os papéis bíblicos do homem, da mulher e dos filhos, bem como a ordem bíblica da submissão da mulher. A liderança do casal era inquestionável e preciosa. Os grupos cresciam e precisaram ser subdivididos. Em meio a isto o marido de Marisa foi acometido de uma grave doença e morreu em três meses, apesar de todo o esforço médico e do clamor por cura por parte dos irmãos dos grupos, da comunidade e de várias partes do Brasil. Marisa estava grávida de sete meses e o grupo deu total apoio a ela e aos três filhos. O amor dos irmãos foi enorme, o consolo de Deus em meio à longa e profunda dor inegável, mas algo mudou. Agora Marisa era uma mulher sozinha. Continuava mãe, mas não tinha mais seu papel de esposa, de auxiliadora fiel. E não tinha mais seu papel de liderança. Embora não fosse o marido o articulador, era ele que legitimava a ação de Marisa. O grupo não a aceitava mais como líder e ela mesma não sentia mais esta função como algo correto para ela nesta situação. Não mudaram seus dons e sua capacidade. Também não mudaram sua integridade, sua sede da Palavra e sua vontade de evangelizar. Mas ela agora era uma mulher sozinha. Parcial e suspeita. Agora, cinco anos depois, Marisa têm participado de uma igreja carismática onde recebe o alimento bíblico que lhe é negado na sua própria igreja e está às portas de um novo casamento. Provavelmente poderá, a partir daí, voltar a exercer e desenvolver seus dons.

Priscila tem 25 anos e mora numa cidade de porte médio. Provinda de uma igreja pentecostal, Priscila presenciou desde cedo curas, sinais e recebeu o batismo do Espírito Santo. Tanto em casa como na igreja, os homens, ou seja, o pai, o marido e o pastor tinham a última palavra. Mesmo os rapazes recebiam mais atenção e pareciam ter mais autoridade quando falavam do que as moças. Na igreja as mulheres eram reponsáveis pelos grupos de oração, de assistência social e do trabalho com as crianças. para os homens ficavam as pregações e os cargos de liderança. Para serem ouvidas as mulheres usavam o expediente de transmitir suas observações e críticas aos maridos, e estes à liderança. O corte dos cabelos e o comprimento da saia eram tabus. Hoje Priscila é estudante de direito. É feminista, não quer se casar e não vai mais à qualquer igreja. O que aconteceu? Na família Priscila conviveu com a discriminação das mulheres, com a prepotência masculina, com a injustiça biblicamente embasadas e defendidas e, muitas vezes, com a hipocrisia de uma vida pregada na igreja e outra vivida em família. E não só na sua. Na igreja ela viu tudo isso e mais: Viu a falta de solidariedade entre as mulheres, muitas vezes beirando a maldade e aprendeu que o machismo das mulheres é mais cruel do que o dos homens. No campus há mais individualismo, é verdade, mas há mais espaço para a individualidade, para o ser pessoa, para de desenvolver e achar valor próprio e identidade. Há mais compreensão e mais liberdade. Priscila não quer parar de estudar depois do bacharelado. Quer seguir adiante e ser alguém na vida.

ISABELLE:

Não queremos com isto fazer a apologia da mulher nem colocá-la no lugar do homem num pedestal. Pelo contrário, queremos que ambos se disponham a sujar os pés na estrada. No entanto, vivemos num mundo construído essencialmente por homens que escolheram desenvolver sua razão em detrimento da emoção. O resultado é uma sociedade onde as conquistas tecnológicas se multiplicaram mas as neuroses também. Assim é preciso resgatar o princípio feminino tanto no homem quanto na mulher. Pois existem homens que conseguem integrar mente e coração e existem mulheres que, na ânsia de competir com homens, abdicaram de sua feminilidade.

Este princípio feminino diz respeito à capacidade de escuta para ouvir com as entranhas como Maria que "guardava as palavras, meditando-as no coração". Ouvir o que é dito, o que isto move em mim, as imagens que desperta, o que se constrói em mim que outras palavras irão ecoar. Uma escuta com todo o ser: corpo, alma e espírito. Ele requer silêncio e receptividade, bem como vulnerabilidade para se deixar fecundar pelo outro. E também o resgate da empatia, da ternura, da intuição, da compaixão.

Esta unidade com o outro, respeitando as diferenças é manifestação de Cristo em nós, como está escrito em Gl. 3:28. Cristo não restaura somente a relação homem/mulher mas também a relação senhor/escravo e judeu/grego ou seja, nós/eles. Esta atitude sectária que nos leva a formar igrejas dissidentes e clãs.

Nossa vivência de igreja depende de nossa percepção de Deus que se dá através de lentes deformantes a partir de nossas projeções e expectativas. O céu vazio da febre humanista dos anos 60 se povoou de deuses e demônios neste final de milênio, dando lugar a uma verdadeira feira mística. Lamentavelmente, enquanto os católicos tem se especializados em santos padroeiros, os evangélicos estão se especializando em demônios!

O desencanto com a frieza do rigor científico estéril e o fracasso das ideologias revalorizaram a subjetividade e a experiência mística bem como o narcisismo e o hedonismo num "salve-se quem puder" e "vale tudo desde que não se exija compromisso". A igreja não está imune a estes fenômenos e podemos, a grosso modo, distinguir quatro vertentes atuais:

1- Vê Deus como a explicação para todos os enigmas da vida. Trata-se de uma igreja fundamentalista, pragmática e reducionista que usa a Bíblia como um manual e busca receitas como "Os dez passos para ser um cristão vitorioso!" Sua luz é estudar a Palavra mas sua sombra diz respeito principalmente à fuga do confronto com dúvidas, questionamentos e conflitos.

2- Vê Deus como o juiz severo que vigia os nossos atos. Para alimentar uma tendência obsessiva e perfeccionista projetamos a imagem de um Deus super exigente. Sua luz é um compromisso sério mas que gera um cristianismo legalista e identificado com o irmão do filho pródigo, incapaz de desfrutar da Presença do Pai.

3- Vê Deus como o revolucionário que liberta a criação que geme. Esta visão produz uma espiritualidade engajada na luta por mudanças políticas e sociais, mas estas igrejas tem dificuldade de integrar liberdade e santidade, ética social e ética pessoal.

4- Vê Deus como o fogo que dinamiza o nosso entusiasmo. Ela é também denominada segunda onda carismática e ressalta três aspectos de Deus:

a) O Deus Midas e Yuppy que sustenta a teologia da prosperidade. Ela resgata a ousadia para pedir com fé mas favorece uma espiritualidade consumista, onipotente e utilitária que superenfatiza nossa identidade de filhos do rei e foge da cruz.

b) O Deus Guerreiro que comanda a batalha espiritual. Esta teologia discerne a realidade brasileira onde de fato o espiritismo é muito presente e enfrenta as trevas mas ela calunia o demônio (como disse Robson Cavalcante) pois transfere toda a responsabilidade do pecado para ele.

c) O Deus mágico que realiza sinais e prodígios. Trata-se de uma espiritualidade que resgata o sobrenatural mas prioriza a experiência e se baseia numa teologia rasa.

Esta igreja ainda se apoia num louvorzão que integra a liberdade e ginga brasileira mas favorece uma espiritualidade verticalista sem encarnação no drama humano e na realidade social brasileira. Ela está experimentando um crescimento impressionante que permite uma renovação da liderança e bastante mobilidade, mas ocorre às custas de proselitismo, de um evangelho barateado e de um discipulado deficiente.

Não é demais insistir no traço mais preocupante da igreja que o pastor Caio Fábio denominou de "síndrome de Lúcifer" e nada mais é que a versão cristã do narcisismo. Seu sintoma principal é a incapacidade de

estabelecer uma relação Eu-Tu mas somente Nós-Eles. Ela só aceita outros que se tornem dela, absorvidos e uniformizados. Ela adota uma atitude triunfalista e totalitária que dificulta a unidade (pois só aceita ser um com iguais) e o diálogo já que sente-se falando por todos e só ouve iguais-écos.

Para concluir, queremos compartilhar o nosso sonho, não como algo utópico mas como um alvo no sentido usado por Martin Luther King: um sonho que nos mova.

1. Sonhamos com uma espiritualidade que restaura a relação com o Deus triuno: inspirada em Jesus, na força do Espírito Santo, cujo fruto é o Amor, e debaixo do senhorio de Deus. Um Deus cada vez mais despido de nossas projeções a partir da leitura de toda a Palavra.

2. Sonhamos com uma fé encarnada, coerente e integrada, vivida no gesto simples do quotidiano, que resgata vínculos de intimidade com Deus, conosco mesmos e com o próximo. Ela nos torna mais humanos em vez de mais espirituais, isto é mais conscientes de nossos limites e da Graça manifesta na cruz em vez de mais onipotentes.

3. Sonhamos com uma fé que busca e vive a obediência. Não à luz da letra que mata, mas do Espírito que vivifica. Não atrelada às interpretações parciais e viciadas da mensagem bíblica, mas lida como um todo, à luz do caráter de Deus e do modelo vivido por Jesus.

4. Sonhamos com uma espiritualidade que não fuja da tensão das perguntas difíceis e das respostas conjuntas e muitas vezes doloridas; que não fuja do trabalho duro em si mesma; da submissão a Deus; do ensino, do discipulado e da santificação; que não faça uma opção pela glória em detrimento da cruz e que tenha coragem para a releitura da Palavra segundo o caráter de Deus e o exemplo de Jesus, à luz da missão que tem a cumprir em seu tempo e lugar.

5. Sonhamos com uma igreja que tenha sua identidade firmada na sua condição de serva de Jesus Cristo. Que não seja a Jerusalém das mulheres, mas seja para todos os servos a Emaús do encontro com o Cristo

ressurreto, fonte única e real de identidade e valor; motivo e força para a missão.

...um só é vosso mestre e vós sois todos irmãos. (Mt 23.8b)